

## Cem anos de "Veludinho" marcam batuque do "Leão"

RITMO PESADO

DE PAULO VIANA



Depois dos anos de "Veludinho" mantém o ritmo do bombo no maracatu "Leão Coroado"

Com mais de um século de vida, bem vivida e muito acidentada, o preto Veludinho ainda dispõe de força física suficiente para marretar o bombo mestre e reger o batuque do Maracatu Leão Coroado.

Veludinho, cujo nome de batismo é João Batista de Jesus, diz que é filho de escravo, e, embora nascido no dia 24 de junho de 1860, não conheceu a miséria do cativo, porque veio ao mundo beneficiado pela Lei do Ventre Livre. "Isso, todavia, — esclarece — não significa que não tenha sofrido as maiores privações durante toda a infância".

Ele e Deus é quem sabem o sabor do "pão que o Diabo amassou...".

"Ainda menino — é "Veludinho" que afirma — aprendi a arte de sapateiro e ao completar 18 anos já era oficial de bancada. Ao atingir a maioridade, contrai matrimônio e passei a residir no subúrbio de Campo Grande, onde criei os filhos e ainda permaneço morando".

Sempre foi chegado a um batuque. Começou brincando no Maracatu Elefante, quando este tinha sede no Beco dos Ferreiros (hoje rua Sete de Setembro), na Boa Vista. Foi nessa época que conheceu José Vitorino, alferes corneteiro do 49 B.C. e espôso de dona Maria Julia do Nascimento (Dona Santa), residentes então na rua das Águas Verdes, numa casa assobradada, onde se realizava, todos os 15 de novembro, grande parada carnavalesca por motivo do aniversário do Elefante.

Anselmo, Fortuna do Pina e Adão — grandes pais de santo, todos africanos legítimos — foram gente sua conhecida. Costumavam frequentar as suas casas de toques e comer das comidas que eles preparavam. Passava horas a fio assistindo as baianas dançarem na roda dos santos e somente regressava para casa quando o sol raiava.

Veludinho, com seus 108 anos faz uma pausa para respirar profundo, como a relembrar algum episódio da sua longa existência e depois desabafa:

"O meu fraco, mesmo, é um maracatu. Gosto de malhar o bombo e faço com entusiasmo quando vejo uma baiana que sabe rodopiar na ponta da sandália deixando mostrar o rendão da saia de baixo...".

Veludinho, abordado em pleno carnaval, quando o Leão Coroado desfilava perante os palanques e arquibancadas da avenida Guararapes, demonstrava cansaço e se locomovia com dificuldade arrastando o pesado bombo Tempestade, esclareceu que estava sentindo-se doente.

Enquanto Dona Santa viveu, Veludinho sempre saiu no Elefante. Agora vem dirigindo o batuque de Leão Coroado o que espera fazer enquanto tiver disposição. Sua vista está ficando embaçada. Para sair à noite está fazendo-se acompanhar de uma filha para não se perder.



A boneca «Dona Inês de Castro» terá uma companheira chamada «Maria Júlia», em homenagem a Dona Santa

## “Rei dos Ciganos” voltará em 1969

«A Troça Rei dos Ciganos, com uma tradição de 30 anos no carnaval do Recife, não vai desaparecer. Apenas ficou inativa este ano a fim de que pudéssemos concentrar todo o esforço na apresentação do Maracatu Nação Pôrto Rico do Oriente, a qual foi coroada de êxito, sobretudo pelo reconhecimento do público, que não regateou aplausos, e da comissão julgadora que lhe atribuiu o título de campeão».

A declaração foi prestada pelo sr. José Eudes Chagas, presidente da Troça Rei dos Ciganos e rei da Nação Pôrto Rico que acrescentou: a troça será reformulada e, no próximo ano, em vez de orquestra de sôpro, cujo preço está ficando muito alto, sairá com uma grande fanfara de instrumentos de pau e corda, à moda dos nossos blocos, como ocorreu no carnaval da sua fundação.

### MOTIVO DA «NAÇÃO»

«É verdade — prosseguiu — que a Troça Rei dos Ciganos foi organizada para despistar a Polícia da perseguição que ao tempo do

Estado Nôvo movia às selvas africanas. Com a redemocratização do país e promulgação da Constituição Federal de 1946, garantindo a liberdade de culto, teve fim aquela perseguição e os terreiros passaram a funcionar livremente. A troça perdeu a sua motivação mas continuou fazendo carnavais».

«Ultimamente — continuou — em virtude da campanha encetada pela imprensa e pela Comissão Estadual de Folclore, visando a restaurar o prestígio dos maracatus, os associados da Rei dos Ciganos vinham manifestando o desejo de fundar uma nação africana autêntica, a fim de reforçar aqueles grupos carnavalescos. E isso ocorreu em outubro do ano passado com a organização do Pôrto Rico do Oriente que se exibiu neste carnaval pela primeira vez.

### DONA SANTA

Disse, ainda, o sr. José Eudes Chagas que no dia 10 do mês mencionado foi procedido o batismo da boneca

Dona Inês de Castro, que presidiu o cordão do maracatu este ano. Pretendemos adotar outra boneca que terá o nome de Maria Júlia em homenagem à saudosa Dona Santa, que durante mais de 50 anos reinou na Nação do Elefante. Possivelmente, o batismo dessa boneca ocorrerá no dia 13 de maio, quando do transcurso do 80º aniversário da assinatura da Lei Áurea.

A seguir, o rei do Pôrto Rico explicou a razão do seu maracatu exibir-se com bandeira, substituindo os tradicionais estandartes, frisando que se trata de uma nação africana simbólica, então está justificada a inovação da bandeira que é, juntamente com o brasão, símbolo da nação.

Finalizando, disse que já está elaborando o projeto da apresentação e fantasias do próximo carnaval, constando, inclusive, a substituição da caravela por um navio negroiro e a adoção de um transatlântico, que representará uma homenagem a moderna indústria de construção naval do Brasil.

## Mística dos tambores silenciosos emocionou

«A Noite dos Tambores Silenciosos» foi um espetáculo místico de profunda religiosidade, dentro da efervescência dos festejos carnavalescos. Por solicitação dos responsáveis e dirigentes de maracatus, a solenidade foi adiada em uma hora, a fim de que pudesse se realizar no horário oficial que corresponde a meia-noite.

Assim, o Maracatu Carneiro Manso, da cidade de Lagoa de Itaenga, que viera ao Recife com a finalidade exclusiva de participar da cerimônia, teve que esperar pacientemente até a hora acertada a fim de que fosse realizada a homenagem aos negros que morreram escravos, em frente à Igreja do Terço.

Logo mais, o pessoal do Carneiro Manso foi juntar aos integrantes das nações Pôrto Rico do Oriente e Estrela Brilhante, para que tivesse início a cerimônia que foi presidida pelo rei José Eudes Chagas que foi companheiro de reinado da saudosa «Dona Santa».

Faltavam 15 minutos para 1 hora quando todos os bombos dos três maracatus começaram a soar juntamente com os gonguês. Os monarcas das três nações ficaram postados na porta principal do templo, justamente no local, onde frei Caneca foi despojado de suas vestes sacerdotais para vestir a túnica dos condenados, como que presidindo as homenagens que se prestavam aos pretos velhos.

A um sinal de rei da Nação Pôrto Rico, todo o batute silenciou. Assim decorreram 60 segundos, oportunidade em que os presentes em murmúrio de preces evocaram a memória dos mártires do cativoiro. Após, Eudes Chagas fez uma alocução através de uma emissora de rádio, explicando o significado daquela cerimônia, terminada a qual bombos e gonguês voltaram a bater com todo o vigor físico dos seus batedores.

A cerimônia foi compungente e provocou lágrimas.

### HOMENAGENS AOS NEGROS



Na hora fixada, dentro da noite, os tambores silenciaram homenageando os que vieram da África, anos atrás